

UDC 811.134.3'367.622.22

Original scientific paper

Recebido a 23 Outubro de 2012

Aceite para a publicação a 9 Maio 2013

Diminutivo em português – menos é mais

Daliborka Sarić

Dražen Varga

Faculdade de Letras da Universidade de Zagreb

dsaric@ffzg.hr

dvarga@ffzg.hr

Este artigo tem como objetivo refletir acerca da possibilidade de os sufixos diminutivos *-inho* e *-zinho* serem interpretados como intensificadores quando associados a bases adjetivais em português europeu. Ao contrário do que está previsto no modelo da estrutura polissémica dos diminutivos em Jurafsky (1996), baseado num estudo tipológico de um número considerável de línguas, pretendemos demonstrar que em português não são interpretados como intensificados só os adjetivos que já designam uma propriedade de baixa intensidade. A questão já foi levantada em Sarić (2006), sendo aqui apoiada por mais dados empíricos, nomeadamente pelo inquérito aplicado a falantes nativos do português europeu.

Diminutivo com adjetivos

O diminutivo costuma ser definido como uma categoria morfológica cujo significado básico é „pequeno“ ou „diminuído“ relativamente às dimensões prototípicas de uma entidade, sendo também caracterizado por uma estrutura acentuadamente polissémica verificada em muitas línguas – a partir do centro da categoria („pequeno“) estendem-se radialmente outros valores semânticos, muitas vezes conotativos ou pragmáticos, que não implicam necessariamente uma diminuição a nível denotativo.¹

Normalmente, os afixos diminutivos modificam nomes, mas também podem ser associados a radicais de outras classes de palavras, principalmente adjetivos, às vezes advérbios e verbos, sendo menos frequente um afixo diminutivo ser associado a palavras funcionais como pronomes, preposições, interjeições e determinantes (v. Bauer 1997:540). A língua portuguesa abunda em sufixos

¹ Para além de vários tipos de modificação morfológica, a modificação analítica através de adjetivos que têm o significado „pequeno“ (p. ex. inglês *small/little/tiny finger*) é tratada por alguns autores como a mesma categoria (v. Schneider 2003).

diminutivos produtivos, classificados como afixos modificadores dado que ocorrem com radicais de várias classes de palavras e não determinam as suas propriedades gramaticais (v. Villalva 2008:127). Os mais produtivos são os sufixos *-inho* e *-zinho*, geralmente associados a nomes, adjetivos e advérbios e, ocasionalmente, outras classes de palavras.² Este trabalho só vai tratar os valores semânticos dos adjetivos modificados por estes sufixos.

Geralmente, os sufixos diminutivos *-inho* e *-zinho* têm uma estrutura polissémica típica de diminutivos, que ocorre em muitas línguas, interligando valores semânticos diferentes, em primeiro lugar a nível conotativo e pragmático.³ Isto diz respeito principalmente aos nomes e à possibilidade de o diminutivo exprimir conotações tanto apreciativas como pejorativas,⁴ com ou sem diminuição ao nível denotativo, o que pode ser aproveitado para vários fins pragmáticos, tais como a atenuação da força ilocutória do enunciado, a expressão de afeto ou intimidade, etc.

Não faz parte do âmbito deste trabalho tratar com mais pormenor os diminutivos associados a nomes, dado que este assunto já tem sido abordado com bastante atenção, inclusive em gramáticas portuguesas. Além disso, a estrutura polissémica com sufixos diminutivos associados a nomes em português não difere consideravelmente da de outras línguas que têm afixos diminutivos. Aquilo que torna os diminutivos portugueses particularmente interessantes é a possibilidade de designarem não apenas uma atenuação da intensidade da propriedade expressa pelo adjetivo⁵, o que é próximo do seu significado central de diminuição, mas possibilitarem a expressão do contrário, isto é, a intensificação de uma propriedade. Neste caso, é interessante notar que os diminutivos que ocorrem com os nomes tendem a „diminuir“, mas não a „aumentar“, o que faz com que os adjetivos e os nomes modificados através destes sufixos tenham comportamentos semânticos, pelo menos em parte, distintos.⁶ Este uso dos diminutivos de adjetivos em português só foi esporadicamente abordado nas gramáticas portuguesas, sendo tratado com mais atenção nos trabalhos de Skorge (1957) e Silva (2006). Como exemplo ilustrativo do fenómeno que nos interessa, apresentamos algumas frases traduzidas do inglês:

² Sobre a distribuição v. Villalva 2010.

³ V. mais em Skorge (1957) e Silva (2006) para o português, Jurafsky (1996) para outras línguas. Em Dressler/Barbaredi (1994), a análise é baseada em traços pragmáticos (com exemplos principalmente do alemão e italiano).

⁴ Em ambos os casos através da extensão metafórica baseada no mesmo domínio original „pequeno“ – o que é pequeno pode ser concetualizado como positivo, agradável, bonito (p.ex. quando está relacionado com o mundo das crianças), tal como pode ser concetualizado como negativo, inútil.

⁵ A designação *adjetivos* aqui também abrange os participípios que podem ser modificados pelos sufixos diminutivos, o que é uma das várias propriedades que muitos participípios compartilham com os adjetivos (v. Brito 2003).

⁶ A verdade é que um certo aumento pode ser consequência de interpretação irónica, mas isto não tem nada a ver com a estrutura semântica da categoria em si.

1. He had stopped noticing the fantastic cloud shapes now and was thinking longingly of the train miles below, where you could buy *ice-cold* pumpkin juice from a trolley pushed by a plump witch. (Rowling 1998:58)
Deixara de reparar nas fabulosas formas das nuvens e pensava com saudade no comboio, milhas abaixo deles, onde se podia comprar sumo de abóbora *fresquinho* num carrinho empurrado por uma feiticeira gordinha. (Rowling 2006:64)
2. A puny little fellow, looking around, scared *to death* to get out of his little mail truck. (Cornwell 1998:199)
Um lingrinhas a olhar para todos os lados, *cheinho* de medo de sair da carripanazeca. (Cornwell 1993:254)
3. *Thanks a lot*. (Meyer 2007:305)
Obrigadinha. (Meyer 2010:338)

Nas frases acima, podemos observar que a intensificação, obtida nos exemplos do inglês através de pré-modificação (1), de uma expressão fraseológica (2) ou de modificação adverbial (3), no português é expressa através do uso de sufixo diminutivo associado ao adjetivo. No entanto, neste trabalho e incentivados pelo conhecido trabalho de Jurafsky (1996) sobre os diminutivos em diferentes línguas do mundo, limitar-nos-emos às restrições por ele previstas – as relacionadas com a diminuição, ou seja, a baixa intensidade da propriedade expressa pelo adjetivo. O trabalho de Jurafsky apresenta os resultados de uma ampla investigação tipológica que abrange mais de 60 línguas, mostrando muitas semelhanças entre elas, a nível sincrónico e diacrónico, nas tendências de estruturação polissémica do diminutivo. Jurafsky apresenta o modelo de categoria radial, cujo centro é „criança“, e dele originado o conceito de „pequeno“, conceitos que permitem a derivação, através de diferentes estratégias (metáfora, generalização, inferência, lambda-abstração) de outros valores e funções pragmáticas do diminutivo. O que nos interessa em particular neste modelo é o tratamento da possibilidade de o diminutivo ser usado como intensificador quando ocorre com adjetivos (e advérbios). Jurafsky afirma que este tipo de intensificação do significado da base só é possível no caso dos adjetivos que já designam uma certa pequenez ou uma propriedade de baixa intensidade: „[...] the diminutive is used for intensification only via particular metaphors motivated directly on the sense ‘small’ „ (1996:551). Os exemplos que apresenta são fr. *jeunet* (muito novo), lat. *parvulus* (muito pequeno), hung. *kicsike* (muito pequeno), španj. *blanquita* (muito branco) (Jurafsky 1996:550). Além disso, o autor afirma que a intensificação também pode ser obtida com alguns advérbios espaciais ou temporais, tais como tur. *şuracikta* (exatamente ali) ou esp. mex. *ahorita*⁷, casos em que o espaço ou o tempo (através da metáfora TEMPO É ESPAÇO) são diminuídos até à dimensão de um ponto, o que os torna deitivamente precisos. No caso dos adjetivos e da sua modificação sufixal através de *-inho* e *-zinho*, esta generalização não é aceitável se considerarmos a língua portuguesa – que não foi incluída no estudo de Jurafsky. Em português, os sufixos

⁷ Nalgumas outras variedades do espanhol *ahorita* quer dizer *um pouco mais tarde*.

diminutivos *-inho* e *-zinho* podem intensificar o significado de alguns adjetivos que não designam propriedades de baixa intensidade e por isso o caso não se pode explicar através de metáforas motivadas no conceito de „pequeno“. É o caso das frases 1-3, em que diminutivos *fresquinho*, *cheinho* e *obrigadinho* não se encaixam na generalização apresentada por Jurafsky. Entre os adjetivos que intensificam uma propriedade expressa pela base que não é por si só portadora de uma noção de „pequeno“ há outros exemplos mencionados nos trabalhos sobre o português, nomeadamente em Skorge (1957) e Silva (2006): *igualzinho*, *inteirinho*, *perfeitinho*, *direitinho*, *carregadinho*, *perdidinho*.⁸ Neste grupo também podemos incluir os adjetivos de cores: p. ex. *branquinho* ou *vermelhinho*.⁹ É interessante verificar que o caso do adjetivo espanhol *blanquita* é explicado por Jurafsky como sendo uma ênfase da ausência da cor em si ou ausência de sujidade, pelo que o diminutivo não pode ser usado como um intensificador de outras cores. No entanto, Prieto (2005)¹⁰, num estudo baseado nas entrevistas com falantes nativos de variedades do espanhol sul-americano rejeita esta afirmação, mostrando que os adjetivos designadores de outras cores, por exemplo *azulito* (*el cielo está azulito*) também são interpretados como tonalidades intensificadas.

Para verificarmos com mais exatidão a possibilidade de intensificação marcada pelos sufixos diminutivos, o que já foi observado tanto nos textos escritos como na oralidade (Sarić 2006), levámos a cabo um inquérito com falantes nativos de português europeu, recorrendo aos seus juízos intuitivos acerca do significado destes sufixos.¹¹ O inquérito consiste em 16 frases simples, desprovidas de contexto, com diferentes adjetivos na posição predicativa, modificados pelos sufixos *-inho* ou *-zinho*. Cada frase é acompanhada de diferentes interpretações oferecendo vários graus de modificação de intensidade da propriedade expressa pela base (atenuação, intensificação ou falta de qualquer modificação). Por exemplo, para a frase *A água está fresquinha* são oferecidas as seguintes opções: a) *A água não está muito fresca*, b) *A água está mais ou menos fresca*, c) *A água está fresca*, d) *A água está muito fresca*.

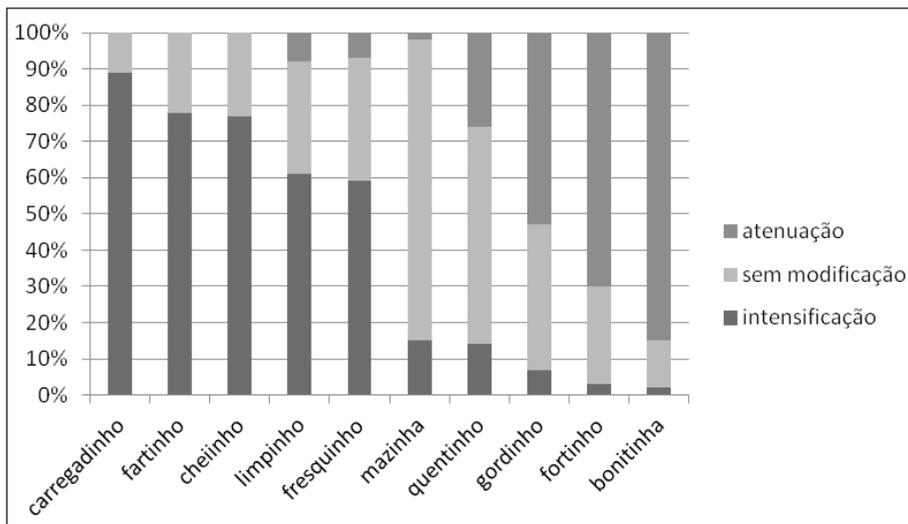
O Quadro 1 inclui os adjetivos que não contêm a noção de „pequeno“, „diminuído“ ou conceitos relacionados, aos quais são associados sufixos diminutivos, ordenando-os a partir dos que o maior número de falantes interpretou como intensificadores até aos que receberam a menor percentagem dessa interpretação.

⁸ Embora Silva (2006) se apoie no trabalho de Jurafsky no seu estudo sobre o diminutivo em português, não opta por rejeitar claramente a sua hipótese sobre as restrições do uso de diminutivo como intensificador.

⁹ Outros sufixos diminutivos podem ter significado diferente. Por exemplo *-ito*, em *vermelhito* ou *branquito*, tem o efeito de atenuação da intensidade da cor.

¹⁰ Prieto analisa os diminutivos do espanhol, juntamente com os aumentativos e superlativos sintéticos, dentro do quadro de morfologia avaliativa, que trata de morfemas usados para avaliação subjetiva, atitude do falante para com uma entidade.

¹¹ O número total de respondentes é 66. Todos são falantes nativos de português nascidos em Portugal, maioritariamente nos centros urbanos (Lisboa, Porto), de idade entre 20 e 30 anos. Estes dados não foram usados como variáveis relevantes para este trabalho.



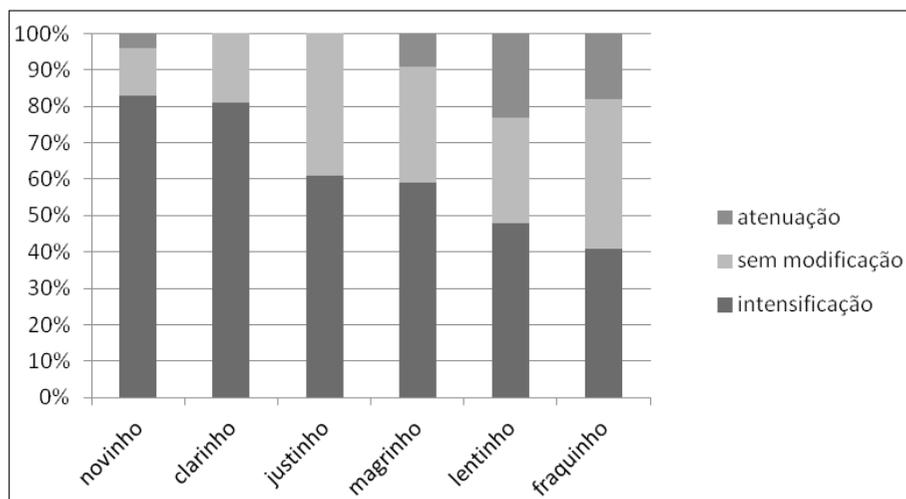
Quadro 1

A maior percentagem de substituição contextual do adjetivo com sufixo diminutivo pelo sintagma do tipo „muito x“ ou „mesmo x“ ocorre com os adjetivos que pelo seu significado são o oposto daquilo que é previsto nas generalizações de Jurafsky (1996). Trata-se então de adjetivos que designam uma alta intensidade de uma propriedade ou mesmo a sua plenitude, isto é, a intensidade máxima: *carregadinho* (89 %), *fartinho* (78%) e *cheiinho* (77%), contrariamente a outros exemplos. No caso destes adjetivos nunca ocorreu a atenuação ou aproximação como uma possível interpretação. Entre outros adjetivos que não designam propriedades de baixa intensidade, uma considerável percentagem de interpretação intensificadora ocorre com os exemplos *limpinho* (61 %) e *fresquinho* (59 %). O resto dos exemplos do Quadro 1 tem preferencialmente uma interpretação neutra, sem qualquer modificação da intensidade, ou a propriedade designada pela base é atenuada pelo sufixo diminutivo. Isto também indica que não há uma reanálise completa do papel do diminutivo no contexto apresentado e que a possibilidade de intensificação deve depender do significado da base a que são aplicados, mas, por outro lado, podemos ver que não é restringido aos adjetivos designando propriedades de baixa intensidade. Futuros trabalhos poderiam desenvolver estudos acerca dos princípios de composicionalidade que regem a interpretação dos sufixos diminutivos associados a adjetivos, para uma melhor compreensão do seu comportamento.

A explicação da possibilidade de o diminutivo ser usado como intensificador, o que à primeira vista parece contraditório com o seu significado básico de ‘diminuir’, é um desafio à procura de sistematicidade na língua. Taylor (1995) sugere que os casos desse tipo de intensificação em italiano, espanhol e holandês derivam da extensão metonímica do significado, sendo uma propriedade diminuída até à proporção do seu núcleo, ou seja, da sua essência: „[...] the centre of an entitiy is necessarily of smaller dimensions than the entity in its

totality. Thus the diminutive comes to denote the very essence of a thing, a thing stripped of its non-essential periphery.” (1995:147).¹² A diminuição seria, portanto, uma aproximação do centro do significado. No entanto, esta interpretação do fenómeno em questão não explica porque uma extensão de significado deste tipo só funcionaria em alguns casos, e noutros não, ou seja, quais seriam as restrições inerentes ao significado da base. Relativamente ao papel intensificador do diminutivo em espanhol, Prieto (2005) (designando-o de diminutivo aumentativo), explica-o de uma maneira diferente – a intensificação é derivada a partir do uso conotativo positivo do diminutivo, ou seja, a partir da intensidade esperada de uma propriedade positiva. O problema desta explicação do uso intensificador do diminutivo encontra-se no facto de a intensificação não ser restrita, pelo menos em português, a enunciados com conotações positivas (p. ex. *Estou fartinho de tudo!*). A questão é muito complexa, mas parece que só pode ser abordada com mais seriedade quando a descrição linguística deste fenómeno for feita mais pormenorizadamente para várias línguas e quando forem determinados os fatores de restrição relativamente à possibilidade de interpretação do diminutivo como intensificador em línguas em que esse uso é frequente. Neste sentido tentamos dar um primeiro passo, rejeitando a hipótese de Jurafsky (1996) acima mencionada.

Contrariamente aos exemplos do Quadro 1, o Quadro 2 mostra alguns adjetivos que já por si designam diminuição de certa dimensão, ou seja, propriedade de baixa intensidade, ordenando-os partindo dos que foram interpretados como intensificados pela maior percentagem dos informantes até aos que têm a menor percentagem da interpretação intensificadora.



Quadro 2

¹² Em Taylor, a intensificação não se refere apenas a adjetivos, mas também a nomes. O único exemplo de adjetivo intensificado é o espanhol *igualito*.

Em Silva (2006) aparecem exemplos como *novinho* e *estreitinho*, cuja interpretação intensificadora (juntamente com advérbios como *pertinho*, *cedinho*, *devagarinho*, *baixinho*) é explicada como sendo um uso próximo da função explicativa comum, em que o sufixo diminutivo é um elemento tautológico, tal como nos exemplos de nomes que designam objetos pequenos (*passarinho*, *cachorrinho*, *miçalhinho*). Os resultados do inquérito mostram que entre estes adjetivos também existem diferenças quanto ao grau de modificação da base. Por exemplo, os adjetivos *novinho* e *clarinho* têm a maior percentagem de interpretação equivalente a „muito novo“ (83 %) e „muito claro“ (81 %), enquanto *justinho* e *magrinho* foram menos vezes interpretados da mesma maneira (61 % e 59 %, respetivamente), com *lentinho* e *fraquinho* abaixo de 50 %.

Embora tivéssemos salientado o sufixo diminutivo como um intensificador, isso não quer dizer que essa seja a sua única ou principal função. De facto, de acordo com o seu significado básico, o diminutivo pode fazer o oposto à intensificação, isto é, pode atenuar certas propriedades. Tal sucede com alguns adjetivos que designam propriedades positivas, por exemplo *bonitinho* (v. Quadro 1), *interessantezinho* ou *engraçadinho* (Skorge 1957:277). Além disso, a atenuação ocorre nos casos de alguns adjetivos designando propriedades negativas, em que o uso do sufixo diminutivo tem um papel pragmático de atenuar ou eufemizar o conteúdo negativo. Tal pode acontecer com os adjetivos como *gordinho*, *fraquinho* (v. Quadro 2), *tolinho*, *parvinho* (da Silva 2006:224)¹³. A atenuação da força ilocutória do enunciado também se verifica no caso dos adjetivos usados nas ordens, por exemplo *Quietinho!* Tal como acontece no caso dos nomes, o sufixo diminutivo acompanhando adjetivos muitas vezes tem apenas uma conotação afetiva, enfatizando emoções positivas, tais como o gosto ou agrado, mas também pode ter conotações negativas, sem qualquer modificação ao nível denotativo.

Conclusão

Incentivado pelo influente estudo tipológico de Jurafsky (1996) sobre o uso dos diminutivos em diferentes línguas do mundo, este trabalho problematiza a possibilidade de os sufixos diminutivos *-inho* e *-zinho* em português designarem uma intensificação da propriedade designada pelo adjetivo. Embora o modelo de Jurafsky preveja a possibilidade de tal interpretação ocorrer apenas com os adjetivos que já por si designam uma propriedade de baixa intensidade, pretendeu-se demonstrar, com base em algumas investigações anteriores sobre o diminutivo em português (Skorge, Silva 2006, Sarić 2006), apoiadas pelo inquérito aplicado a falantes nativos de português europeu, que uma diminuição inerente ao significado do adjetivo de base não é uma componente necessária que possibilite a interpretação intensificadora do diminutivo. Pelo contrário,

¹³ A interpretação do diminutivo também depende da intonação e, em grande medida, do contexto frásico, dado que o sufixo diminutivo é muitas vezes combinado com os advérbios como *muito*, *tão*, *todo*, *bem*, o que claramente bloqueia a possibilidade de atenuação.

às vezes esse tipo de intensificação ocorre com os adjetivos que designam a intensidade máxima de uma propriedade. Além disso, o inquérito demonstra que a modificação da intensidade varia consoante os diferentes tipos de adjetivos, mas os princípios de composicionalidade não são claros e precisam de ser investigados com mais pormenor.

Bibliografia

- Bauer, Laurie. 1997. Evaluative morphology, in search of universals, in: *Studies in Language* 21, pp. 533-575.
- Brito, Ana Maria. 2003. Categorias sintáticas, in: Mateus, Maria Helena Mira et al., *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho, pp. 323-432.
- Dressler, Wolfgang Ulrich/Merlini Barbaresi, Lavinia Merlin. 1994. *Morphopragmatics: Diminutives and intensifiers in Italian, German, and other languages*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Jurafsky, Daniel. 1996. Universal tendencies in the semantics of the diminutive, in: *Language* 72, 3, 533-578.
- Prieto, Victor Moises. 2005. Spanish evaluative morphology: pragmatic, sociolinguistic, and semantic issues. PhD, Gainesville, University of Florida.
- Sarić, Daliborka. 2006. Deminutiv u portugalskom, in: *Strani jezici*, 35/2, pp. 109-116.
- Schneider, Klaus P. 2003. *Diminutives in English*, Tübingen: Niemeyer.
- Silva, Augusto Soares da. 2006. *O Mundo dos Sentidos em Português: Polissemia, Semântica e Cognição*. Coimbra: Almedina.
- Skorge, Sílvia 1957. Os sufixos diminutivos em português, in: *Boletim de Filologia*, 16, pp. 222-305, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos.
- Taylor John R. 1995. *Linguistic Categorization: Prototypes in linguistic theory*, Oxford: Oxford University Press.
- Villalva, Alina. 2008. *Morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Villalva, Alina. 2010. Sobre a formação dos chamados diminutivos no Português Europeu, in: *Actas do XXV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 787-793.

Fontes

- Cornwell, Patricia. 1993. *All That Remains*. New York: Avon Books.
- Cornwell, Patricia. 1998. *Tudo o que resta*. Lisboa: Presença.
- Meyer, Stephenie. 2007. *Twilight*. London: Atom.
- Meyer, Stephenie. 2010. *Crepúsculo*, Alfragide: Gailivro.
- Rowling, Joanne Kathleen. 1998. *Harry Potter and the Chamber of Secrets*. London: Bloomsbury.
- Rowling, Joanne Kathleen. 2006. *Harry Potter e a Câmara dos Segredos*. Lisboa: Editorial Presença.

DEMINUTIV U PORTUGALSKOM – MANJE JE VIŠE

U ovom radu bavimo se značenjem portugalskih deminutivnih sufiksa *-inho* i *-zinho* kod pridjeva. Tu nas prije svega zanima mogućnost interpretacije navedenih sufiksa kao intenzifikatora svojstva izraženog pridjevom, s posebnim osvrtom na Jurafskyjev (1996) tipološki rad o deminutivu u jezicima svijeta i restrikcija vezanih uz značenje temeljnih riječi koje su predviđene u tom istraživanju. Osim opisa značenja deminutiva pridjeva u relevantnoj literaturi (Skorge 1957, da Silva 2006, Sarić 2006), donosimo i anketu izvornih govornika europske varijante portugalskog jezika, koja dodatno empirijski potvrđuje da u portugalskom intenzifikacija uz pomoć deminutiva nije ograničena samo na one riječi koje i same označavaju svojstva slabijeg intenziteta, kao što se tvrdi u Jurafskyjevom radu.

Palavras-chave: língua portuguesa, adjetivos, sufixos diminutivos, polissemia, intensificação

Ključne riječi: portugalski jezik, pridjevi, deminutivni sufiksi, višeznačnost, intenzifikacija